

# **“De abóbora faz melão, de melão faz melancia”: psicodrama, transdisciplinaridade e ludicidade nas artes cênicas empregadas no Colégio Militar de Salvador**

**Manon Toscano Lopes Silva Pinto - CMS  
Sônia Maria Moraes Ferreira - CMS**

## **1 Introdução**

A prática corporal do movimento em muitos estabelecimentos de ensino tem apresentado um grau crescente de fatores vistos como prejudiciais à missão para a qual ela foi idealizada: a liberdade de ser. Partindo do pressuposto que a educação do corpo tem como meta principal a satisfação pessoal, acreditamos que assumir o corpo que temos, bem como torná-lo um elemento interjacente à natureza, é investir, principalmente, no desenvolvimento de vínculos afetivos, e, portanto, numa educação lúdica, dialógica e amorosa. De certa maneira, tudo que se vivencia numa instituição educacional faz parte de um processo relacional e sociocultural. Quando nos expressamos de forma consistente, segura, intencionalmente compreendida e contextualizada, tornamo-nos adequadamente socializados. Sendo assim, quando aprendida de forma consistente, fatalmente essas vivências serão correntemente empregadas na comunicação humana, fortalecendo os vínculos sociais.

Talvez um dos problemas no ensino básico seja o de acreditar que uma instituição, quando estabelecida como um sistema, deva emparedar as culturas, impedindo a percepção das diversidades, em

prol de um padrão de ensino e, quiçá uma forma de defender uma identidade. Esquecem os magistrais diretores desses sistemas que as culturas são as responsáveis pelo fornecimento de uma colorida exposição dos corpos apresentados em cenários que os “paisanos” acreditam serem apenas verde e amarelo. Para entender essa e outras questões advindas da multiplicidade cultural, semiótica e motora, cujas referências estão no contexto lúdico e popular, local, familiar, pessoal ou grupal, escolhemos o Colégio Militar de Salvador (CMS), um dos doze colégios do Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB) para contar uma curiosa história sobre o encontro de um grupo de estudantes com outras histórias que fazem parte da vida de muitas pessoas, quando, em tenra idade, brincavam com melões de são Caetano. Uma frutinha mal cheirosa, amarga e doce, como são o enredo das histórias de vida de todos nós.

Por conta desse episódio, socializamos neste artigo, a pergunta de um aluno para a sua professora, que na hora, não soube responder: “Professora, a senhora conhece o melão de são Caetano?”. Ao responder negativamente, o aluno deu uma risada e falou: “Ah, ah, ah, agora vai conhecer. É melão, melão de são Caetano. Essa fruta foi trazida ao Brasil pelos escravos no século XIX. É uma fruta poderosa, pró. Descobrimos que ela faz milagres. A indústria farmacêutica utiliza na fabricação de remédios contra os piolhos. A gente viu num site, pró. Aí eu me lembrei que eu brincava muito com essa frutinha, que na época, não sabia o nome”. Nesse momento fomos apresentadas ao melãozinho, arrancado da área ambiental do estabelecimento. Era tão pequenino que só identificamos, inicialmente, pela diferença com as folhas.

Na verdade, a pesquisa interdisciplinar direcionava-se à cultura afro-brasileira. Como não queríamos os mesmos trabalhos de sempre: capoeira, acarajé e samba de roda, exigimos que pusessem em foco um dos países africanos e escolhessem algo apropriado a ela que tivesse relação com o Brasil. Essa foi a situação-problema que deveria gerar um roteiro dramático, e, posteriormente, a montagem

de um musical, uma vez que o grupo era representante das artes cênicas do colégio. A Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais são pontos onde ele se encontra em grandes proporções, entretanto, não souberam dizer como localizaram a planta nas Ilhas de Sotavento (Cabo Verde), país africano tem 10 (dez) ilhas no Oceano Atlântico, faixa costeira ocidental (Senegal). A pesquisa apontou que a planta é asiática, reconhecida como *cipó herbáceo*, da família *cucurbitáceas* e seu trajeto para o Brasil foi devidamente catalogado pelos discentes.

O fato se deu em 2009, ano alusivo também ao centenário do General Sampaio. Isso levava a mais uma tarefa a ser cumprida, em termos de pesquisa. No mesmo ano, solicitaram, como é de costume, mais tarefas que pareciam, a princípio, dispersas. Não fosse a prática da inter e transdisciplinaridade, eles não dariam conta de associar os estudos na missão de estudar sobre o centenário da imigração japonesa e as relações Brasil-França.

O conteúdo que mais facilitou o início da pesquisa foi o cruzamento de informações resultante dos estudos sobre a Abertura dos Portos às Nações Amigas até a relação Brasil-França. Aqueles que tinham um pendor para a literatura sugeriram algumas obras que respaldaram a construção dos diálogos com a ajuda de Gabriel Lopes Pontes e Antônio Soares, professores de teatro convidados para apoiar os trabalhos escolares. Por sugestão do Chefe da Divisão de Ensino, leram a obra “Memórias da rua do Ouvidor”, cujas referências à presença francesa no Brasil, respaldaram o musical intitulado “A jornada do escravo Eliseu” e “A verdadeira história do príncipe Obá”. Joaquim Manoel de Almeida já era conhecido dos alunos por terem estudado “A moreninha”. Portanto, enveredar pela multirreferencialidade da cultura do Rio de Janeiro, relacionar o negro com a farmacopeia da época, entender o processo migratório de então e as mudanças artístico-culturais na passagem do século foi uma experiência jocosa, em se tratando de temas que, antes, os discentes assumiam como enfadonhos. Desse modo, puderam trazer, de igual maneira, a

relação dos ciganos nas dependências da rua do Ouvidor e evidenciar a contribuição de ciganos e de negros para a formação da sociedade nacional. Ademais, puderam expor um romance que dificilmente ocorreria nesse período, que é o de um negro e uma japonesa. Dessa forma, “A jornada do escravo Eliseu” demonstrou uma profunda compreensão da vida e da sociedade do século XIX. Em tom otimista, os diálogos registram a debilidade do ser humano perante à natureza. Desse modo, descrevem, em diversos momentos, o melão de são Caetano, como ícone de um encontro intercultural. Portanto, como representação metafórica, o fruto foi utilizado como uma representação dos protagonistas do romance idealizado - Eliseu e Sayonara. Equivalências do melão e do negro escravo davam sentido quando entendemos como os estudantes migraram os caracteres de ambos os personagens. Se o melão é agreste e se apoia em outro ser para poder gerar seu fruto, de certo modo, para crescer e evoluir ele tem que subir, sair de um estágio, o de pobreza, para outro ascendendo socialmente no Rio Antigo.

E foi assim que nasceu o musical que teve como pré-requisito uma pesquisa de campo. Ao entrevistar a população em locais públicos e no próprio colégio, apresentavam a frutinha e questionavam se as pessoas conheciam aquela fruta, o que faziam com ela e, para surpresa dos pesquisadores mirins, muitos a conheciam e brincavam com elas, de várias maneiras. Tomando por base os relatos, como também o resultado de uma história muito bonita, evidenciamos que a educação é um processo que tem implicação direta com a diversidade cultural.

Agradecemos aos dirigentes do colégio que, na época, consentiram na apresentação do espetáculo gerado após a publicação da pesquisa discente, mas também, a duas pessoas, em especial: o primeiro, dotado de extrema sensibilidade e sabedoria, percebeu, na obra de Joaquim Manoel de Almeida, os elementos necessários propiciadores para enveredar numa pesquisa inter e transdisciplinar; e o segundo, coordenador das atividades culturais, nossas saudosas lembranças. No momento ele deve estar mostrando para Deus e aos anjos, como fazer

carrinhos, panelinhas e batalhões de soldadinhos com essa frutinha espinhenta e verde amarela, cujo interior tem uma porção de corações, que planjem e cantam: “Avante, soldados de São Caetano!

## 2 Justificativa

A necessidade de se experienciar metodologias consubstanciadas no desenvolvimento da espontaneidade, criatividade, sensibilidade, elementos indispensáveis ao ensino-aprendizagem, mas pouco referenciados de forma integrada na educação motora de forma lúdica, promoveu o presente estudo. Pelo fato de não ser constata a prioridade para atividades lúdicas na formação docente, o desenvolvimento criativo de pessoas torna-se deficitário. O lúdico é a forma mais direta de se combater a inaniidade humana. Investir numa proposta lúdica é investir na educação dialógica e amorosa que não se faz simplesmente na introdução de práticas interdisciplinares.

Antes de empregarmos, mesmo que coerentemente, as diversas áreas do conhecimento numa apoteótica confluência, devemos aprender a olhar a vida com os olhos infantis. Decerto que há diferenças fundamentais na prática da inter e da transdisciplinaridade. Vivenciadas cotidianamente, envolvemo-nos sempre em diferentes cosmogonias, mas são sempre imperceptíveis. Porém, se refletimos como as aplicamos em nossas práticas, chegaremos a um processo tão semelhante quanto nossas crianças, porque acordamos a nossa criança interior.

Diante do exposto, justifica-se o estudo, não somente por apresentar alternativas de instrumentalização docente para dominar a linguagem corporal em suas diferentes áreas de ação; mas por facilitar a compreensão do fenômeno desses campos na sua amplitude, redimensionando sua área de abrangência de forma consciente. O fato de ele beneficiar a organização de oficinas voltadas para situações-problemas e conduzir a intervenções solidárias que respeitam a diversidade sociocultural e possa “ludicizar” o processo de desenvolvimento de competências mostra o quanto foi relevante esse processo.

Dar maior visibilidade à arte e à sua incrível força transformadora numa instituição militar é uma ação inusitada e isso torna o estudo um primeiro passo significativo para revisão curricular do que se pretende alcançar na instituição: o desenvolvimento de competências. Assim, apontamos muitos itens relevantes para o estudo. Primeiro, por ter a convivência cosmológica e psicológica ampliadas, fato que colabora para desenvolver as possibilidades criativas no ser humano, e segundo, por possuir características, de igual modo, filosóficas, provoca o desejo de sermos originais. É um exercício contínuo de reconhecimento das próprias situações conflituosas e das pertinentes a outros sujeitos.

### **3 Contextualizando a experiência**

Até que ponto nossa educação é ecopedagógica? Ensinamos a nossos alunos a refração da luz, mas não ensinamos ação e reação de nossos atos quando cometemos um erro irreversível com alguém. Quando as primeiras oficinas com aplicações de técnicas psicodramáticas entraram em cena nas oficinas de dança-teatro do CMS, tendo como resposta uma coreografia de cunho ecológico, fruto de um saber transdisciplinar, quando um grupo de estudantes do ensino médio decidiram que a educação transdisciplinar era o melhor caminho para a gente trilhar num espaço educacional, decidimos, todos, irmos em busca da consciência planetária e socializar o psicodrama em ambiência do CMS.

O psicodrama é uma experiência condutora da ludicidade, por si só. Ele faz os protagonistas brincarem de teatro, de dança, de música, de muitas coisas. Portanto, a prática psicodramática colocou o corpo numa situação brincante em seu contexto real com diferentes propósitos: explorar a situação inovadora; preservar a unicidade do sistema; descrever as oficinas e os resultados compartilhados para desenvolver teorias e explicar determinados pontos favoráveis à sua aplicabilidade, principalmente para associar os programas

implantados no CMS com a estrutura básica de cada área preservada, e que, nesse caso, é a educação física escolar.

Constituído como parte de um sistema de ensino centralizado pelo Exército Brasileiro (EB), o CMS compreende uma rede interinstitucional que atende estudantes do ensino fundamental e médio. As experiências com o campo das artes, assim como todo ensino brasileiro, estão sempre em segundo plano, face à forma como as instituições assumem esse campo do saber. Embora situado em uma cidade que se particulariza em culturas afro-brasileiras, os discentes, ainda que pertencentes à cidade de Salvador, tendem a manter-se distanciados da cultura local em diversos aspectos. Associando as culturas emergentes de cada estudante que integra o colégio, vislumbramos um panorâmico estranhamento cultural, problema a ser enfrentado principalmente quando as tarefas dizem respeito às práticas motoras expressivas como é o caso, principalmente, da dança. Por tais problemas apresentados, oferecemos aos componentes do grupo de dança-teatro uma teia de possibilidades que pudessem vivenciar movimentos que se sentissem mais confortáveis em realizá-los, contribuindo, assim, para o que Jacob Levy Moreno (1989-1975) previu como espontaneidade. Ou seja, apostando numa experiência mais coletiva, cooperativa e lúdica, as construções coletivas poderiam, aos poucos, desvincular o público-alvo do individualismo competitivo que algumas atividades oferecem ao coletivo de alunos, afastando dos mesmos a meta principal de uma educação de qualidade: o autoconhecimento, a sensibilidade, a espontaneidade e a criatividade, elementos essenciais que Moreno (1985) previu para o fortalecimento de vínculos socioculturais.

Para que isso ocorra, a transdisciplinaridade, proposta lúdica por natureza, que integra a interdisciplinaridade e outras práticas inclusivas, deve estar presente. O desejo de se adotar práticas efetivadas no contexto da transdisciplinaridade tornou as oficinas de dança e teatro vivências dialógicas. Um pouco mais centrada na

ludicidade, a dança, articulada com diversas áreas do conhecimento, deixa espaço para que o corpo possa interagir com outras práticas lúdicas, a exemplo do psicodrama. Apesar de ter sido um avanço, percebemos a necessidade de se investir um pouco mais na proposta dessa forma de tratar o corpo, não somente na educação motora e artística, mas em todas as instâncias do plano educativo.

Ao detectar a dificuldade de expressão encontrada na maioria dos estudantes e uma leitura comprometida, acreditamos ser necessário incorporar essa metodologia. Sendo um corpo pouco afeito à expressividade, até porque o próprio uniforme compromete a sua liberdade de ação, o corpo aprendente e o corpo brincante devem estar em consonância. Como a proposta filosófica do CMS anuncia que o objetivo da educação é, doravante, propor um ensino por competências, priorizamos a competência em brincar com o corpo. Percebemos que atender a esse objetivo em uma instituição de ensino da categoria do CMS é algo um tanto quanto fantasioso, uma vez que a instrução militar é também uma das disciplinas do colégio. Diante da situação apontada, muitas questões de estudo tornam-se emergenciais. Entre elas, quais propostas asseguram uma educação lúdico-criativa no contexto da dança do CMS?

Embora a Educação Física pareça ser a área do conhecimento que mais oferece instrumentos disponíveis para se realizar uma educação lúdica, por natureza, nem sempre isso é possível, até mesmo nas atividades como jogos e brincadeiras. Quando o assunto é a escola, o que mais importa é a somatória de avaliações quantitativas que tornam um aluno visível ou invisível no processo. A partir desse impasse, a instituição se volta para as antigas atividades que as escolas enaltecem e continuarão a reverenciar: o esporte. Consequentemente, a educação do corpo torna-se uma questão de possibilidades remotas para um corpo que deveria ser mais lúdico, mais livre, mais criativo, espontâneo e sensível.

A falta de sintonia entre o que se pensa e o que se deseja, o que se sonha e o que se sente, o que se percebe e o que se fala com o outro,



entre o como se deseja, como se sonha, como se sente, como se percebe a forma como se fala, tudo isso leva a consequências desfavoráveis ao fortalecimento do vínculo de cada ser com o ambiente onde ele está inserido e que não precisa ser, necessariamente, a escola. Na educação, qualquer ensino-aprendizagem que não se ajusta ao contexto grupal estará causando um prejuízo a todo aprendiz. Diante do exposto e considerando que a educação motora, infelizmente, no currículo escolar brasileiro, situa-se apenas na Educação Física. Isso posto, questiona-se as implicações que uma educação baseada em convenções, condicionamentos, modelos estabelecidos por técnicas e práticas que visam somente a obtenção de um índice de qualidade subsistem em detrimento de uma educação corporal mais livre e expressiva.

A educação holística, complexa, e ecopedagógica, propósito que a contemporaneidade vem buscando há bastante tempo, pode tornar-se uma resposta adequada para o SCMB. Como a relação estabelecida entre a educação corporal do movimento e o multiletramento está baseada na relação télica e dialógica, conforme estabelecida pelos vínculos formados entre os corpos presentes nessas relações, se os discentes usufruírem das medidas adotadas para a efetivação desse processo apoiadas pelas práticas socioeducativas psicodramáticas, eles terão maiores chances de apresentar resultados positivos em relação ao desenvolvimento da espontaneidade, criatividade e sensibilidade, atitudes válidas na medida em que são consideradas facilitadoras de processos relacionais.

Para desenvolver o estudo, propomos, inicialmente, dois objetivos principais: analisar a relação estabelecida entre a educação corporal do movimento com o multiletramento; intercambiar o psicodrama pedagógico como facilitador das práticas de multiletramento nas atividades socioculturais de caráter motor. A partir deles, o estudo pode enveredar pelos objetivos específicos que são: investigar as bases da educação motora e expressiva no SCMB e as do multiletramento; verificar quais têm sido as medidas adotadas para inserção do

multiletramento no SCMB; analisar a viabilidade da inserção do psicodrama pedagógico para facilitar a inserção do multiletramento nas atividades socioculturais; apresentar as oficinas desenvolvidas para consolidar as práticas de multiletramento. A ação teve como objetivo promover a aplicação da lei n. 10.639, de 2003, expondo, através da História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, de maneira a apresentar a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política, pertinente à História do Brasil.

## **4 O encontro dos discentes com uma dança lúdico-criativa**

### **4.1 Trajetória para a obtenção de resultados: uma certa rua chamada Ouvidor, via de nômades e imigrantes**

A construção dos personagens da obra analisada foi alterada, adaptados ou mantidos. A intenção de inserir o personagem Marie, por exemplo, foi por ocasião das comemorações relativas à presença francesa no Brasil. Segundo Laurent Vidal e Tania Luca (2009), a Rua do Ouvidor era comparada às ruas francesas, antro da moda. Naquela ocasião, no Brasil, tudo se notificava a partir do marco francês. O tema foi tratado, literalmente, por Joaquim Manuel de Almeida. Com tiradas interessantes, escreveu as “Memórias da Rua do Ouvidor”, uma das mais elegantes do Rio de Janeiro naquele período e retratada na novela global “Lado a lado”, apresentada em 2012. Era lá que concentrava o comércio de luxo, reduto francês: modistas, floristas, perfumistas, cabeleireiros, barbeiros, todos estavam lá. Esse sortilégio de elementos foram postos no texto dramático que os discentes prepararam para publicação.

A intenção do projeto, a princípio, não foi redimensionar a imigração no século XIX, mas, à medida que o trabalho foi sendo construído, a imigração tornou-se um ponto de excelência. Os

estudantes puderam confrontar, em diversos pontos, a presença do elemento negro e seu encontro com as demais culturas. Tomaram ciência de que muitos negros não vieram para o Brasil na condição de escravos, e sim de imigrantes. Com esse projeto, o CMS explorou diferentes nuances da relação existente entre a matriz africana, os japoneses e demais imigrantes que se tornam, no roteiro elaborado pelo corpo discente, agentes sociais que visam unir as culturas emergenciais no Brasil-Império através da natureza. Essa particularidade ressaltada pelo vínculo com a transdisciplinaridade, levou-os para propósitos do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), UNESCO e outros órgãos que se voltam para o desenvolvimento humano e responsabilidade social. Na trama que transcende disciplinas e áreas de conhecimento, questões ambientais tornam-se uma proposição de interesse coletivo.

#### **4.2 A jornada do estudante do CMS em busca do “letrar”: abrangência em busca do ‘letrar’**

Os portões se abrem e uma coluna de jovens, crianças e adolescentes perfilam em direção ao Pátio dos Patronos, onde, doravante, será o ponto de encontro, indubitavelmente, todas as sextas feiras durante um ano, dois, até alguns anos enquanto esses mesmos jovens forem estudantes do CMS. Ao lado dos veteranos, novos estudantes se preparam para continuar nutrindo a esperança de que sonhos se tornarão realidade. Alguns positivos, outros menos brilhantes, mas, especificamente, aqueles que se encontram no 6º ano, seja no CMS ou em qualquer outra unidade, se depara com uma situação muito comum - a educação hodierna.

Essa, ainda uma incógnita no SCMB, tremula entre a ludicidade e a austeridade de uma tradição - os colégios militares, como nos presenteou Maheu (2007), ao tratar o assunto na apresentação da obra “Educação e ludicidade”, onde expõe que o desenvolvimento humano requer várias dimensões, comportando os níveis cognitivo, motor e afetivo, traduzidos

no sentir, pensar e agir. No caso dos estudantes do CMS, esse sentir, pensar e agir, no presente momento, causa-nos uma impressão de que o lúdico não consegue surgir no cotidiano deles. É sobre “o estado de ludicidade” deles ao construir essa quase poesia, que colaborou com a ampliação do estado de ludicidade propagado por Luckesi (2007, p. 15). Para compreender melhor o assunto explicar-se-á esse estado de ludicidade que é um estado interno de sujeito e ludicidade é uma denominação geral para esse estado. Na verdade, acreditamos que todas as vezes que estamos executando algo de forma espontânea, geramos o estado de ludicidade. “As atividades em geral em nossas vidas podem gerar em nós um estado lúdico ou não”. As relações estabelecidas dentro e fora de nós estariam facilitando esse estado. Se houver uma estimulação que o provoque, podemos dizer que elas são lúdicas. A transdisciplinaridade e o psicodrama são uma forma de ludicidade transpostas por atividades que têm a característica de estimular o prazer e a alegria, nos ajudam a crescer, a tomarmos posse de nós mesmos, a amadurecer nossas capacidades, a formar nossa autoimagem.

## 5 Referencial teórico

Formar o cidadão e desenvolver competências e habilidades, como prevê a DEPA, é uma ação dificultosa se a única opção é oferecer uma educação tão somente competitiva. Nas necessidades do cotidiano, a produção, a reprodução, a transformação das vivências de cada um não influem diretamente na sociedade que almejamos. Isso exige um cuidado especial, porque o imperativo do nosso corpo outorga outras indigências, o que não atende ao desenvolvimento de habilidades no trato expressivo oral-corporal, pois atividades inibidoras dos sentimentos, emoções, tornam o comportamento autônomo e menos cooperativo, fato quase que cotidiano nos trabalhos corporais do estabelecimento, que influencia, preponderantemente, nos processos competitivos. Instrumentalizar o docente para usufruir dos conteúdos do psicodrama, por exemplo, um dos instrumentos que auxilia o

desenvolvimento do ser, beneficia o exercício crítico-reflexivo de ambos, docente e discente, respaldando metodologias que ampliam a possibilidade de uma melhora no campo da qualidade de vida positiva, principalmente a mental. A aplicação das técnicas morenianas através de Luzia Mara (2000) apregoa o “Tao da educação” - uma educação holística de base, aplicando alternativas que, por um tempo, foram reconhecidas como práticas corporais alternativas e que possuem muito de ludicidade.

O “aprender a aprender” exige uma predisposição à complexidade moriniana que se acredita ser o cerne da educação do futuro. Por isso não são cabíveis as “conservas culturais”, nome que Moreno associou às práticas convencionais, tão quanto à “educação incorreta” que Krishnamurti (1975) expôs em todas as suas obras, mostrando que o corpo deve ser alimentado com propostas inovadoras. Com esses discursos, os educadores referenciados apresentam a ideia de que nada é tão sublime quanto “a arte de aprender”, mas a arte lúdica e criativa que possa vencer as barreiras da transmissão de conhecimento. Por isso as oficinas criativas no CMS foram estruturadas para que os discentes pudessem se tornar pesquisadores artistas-cientistas. Uma forma de associar o que pudesse nos seus trabalhos que mapeavam os conteúdos vivenciados por eles, e, muito mais além, outros interesses que aguçavam a curiosidade de cada um.

### **Considerações finais**

Uma educação motora psicodramática e, portanto, transdisciplinar, aponta um educador como um conciliador, um agente do conhecimento que não está à mercê da transmissão de conteúdos que talvez sequer cheguem a ser trabalhados no cotidiano discente. Sabemos o quanto é difícil conciliarmos o interesse grupal. O individualismo do ser humano pesa nas considerações em cada plano de aula. Dessa maneira, acreditamos que o psicodrama pedagógico pudesse auxiliar a tornar menos enfadonhas as práticas comunitárias

escolares, à medida que se estabelecem relações significativas entre os discentes e docentes e instituições que os mesmos estejam implicados.

Com esses dados, percebemos o quanto o estudo é um importante instrumento para que os educadores, mais sensibilizados, tenham um canal para lidar até com os próprios sentimentos, emoções e expressá-los adequadamente, facilitando as relações humanas, uma vez que, a partir do trato emocional, facilmente entenderá o valor do diálogo. Com isso, chegar-se-á facilmente ao que Robert Sternberg (*apud* Consenza e Guerra, 2011, p. 122) chamou de inteligência plena ou bem sucedida. Uma inteligência contextualizada por meio de práticas socioculturais e que surge quando o sujeito reconhece as habilidades que dispõe o nível de criatividade e a prática mais usual para o convívio com outros.

Por tudo até aqui explicitado e com a crença de que a ludicidade sempre se faz presente em atos espontâneos que conduzem à integração humana, sugerimos ainda que a ludicidade torne-se uma experiência ímpar a ser alcançada, de forma progressiva e programada. Por isso o projeto desenvolvido manteve algumas particularidades que o próprio letramento pode auxiliar a alcançar, tais como: a expressão, o autoconhecimento, a comunicação, a espontaneidade, a sensibilidade e a criatividade. Assim, o praticante se conscientizará do que faz, por que faz e como faz.

## Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio*. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

COSENZA, Ramon M.; GUERRA, Leonor B. *Neurociência e educação: como o cérebro aprende*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

KRISHNAMURTI, Jiddu. *A educação e o significado da vida*. São Paulo: Cultrix, 1975.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 16. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LIMA, Luzia Mara Silvas. *O tao da educação: a filosofia oriental na escola ocidental*. São Paulo: Ágora, 2000.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Ludicidade e desenvolvimento humano. In: MAHEU, Cristina D'Ávila (Org.). *Educação e ludicidade: ensaios 04*. Salvador: GEPEL FACED, 2007, p. 11-19.

MAHEU, Cristina D'Ávila. *Educação e ludicidade*. Salvador: GEPEL FACED, 2007.

MORENO, Jacob Levy. *Quem sobreviverá?* Fundamentos da sociometria, da psicoterapia de grupos e do sociodrama. São Paulo: Daimon, 2008.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Org.) *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.

SOARES, Noemi Salgado. *Educação Transdisciplinar e a arte de aprender*. Salvador: DUFBA, 2006.

VIDAL, Laurent; LUCA, Tania Regina de (Org.) *Franceses no Brasil: séculos XIX-XX*. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.